Edmundo Brandão Dantas



# 120 SONETOS

Eu sozinho
Editora

Edição do autor

Brasília, 2016.

*Copyright* © 2016 *by* Edmundo Brandão Dantas

Todos os direitos desta edição reservados à
Eu Sozinho Editora

*Projeto gráfico, diagramação, revisão e capa*
Edmundo Brandão Dantas

Dados de catalogação

Dantas, Edmundo Brandão

120 Sonetos / Edmundo Brandão Dantas. –
Joinville: Clube de Autores, 2016 1 ed.

1. 120 Sonetos 2. Poesia mineira 3. Literatura Brasileira II. Título.

EU SOZINHO EDITORA
Diretor Editorial: *Edmundo Brandão Dantas*.
SQSW 105, Bloco B, Apt. 102 – Sudoeste
70670-422 – Brasília – DF
Tel.: (61) 99981-8582
**edmundod@terra.com.br**

O material a seguir é propriedade intelectual de Edmundo Brandão Dantas. Sua reprodução ou utilização sem autorização expressa, por escrito, do Autor, será considerada violação dos direitos do autor, conforme previsto na Lei nº 9.610/98, que define esses atos como crime estabelecido pelo artigo nº 184 do Código Penal.

Ao Pablo e à Patrícia, que nos presentearam com o Gael e o Tomás; à Mariana e ao Gladstone, que nos presentearam com a Maitê. Essa turma é que é responsável por eu ser esse avô tão coruja, quase metido a besta, babão inveterado.

SUMÁRIO

Prefácio..... 9
Ato de covardia..... 11
O mudo..... 12
O surdo..... 13
O cego..... 14
A paz dos monges..... 15
Pássaro..... 16
Contrato..... 17
Entrelinhas..... 18
Devassa..... 19
Domínio..... 20
Estudo..... 21
Carcaça..... 22
Livro..... 23
Caco de vidro..... 24
Lâmpada..... 25
Lembrança esquecida..... 26
Ventania..... 27
Melodrama..... 28
Estrada..... 29
Carranca..... 30
Viagem de trem..... 31
Cortina azul..... 32
Fé..... 33
Calendário..... 34
Música..... 35
Argamassa..... 36
Tempo..... 37
Corrente..... 38
Finestra d'anima..... 39
Dominus vobiscum..... 40
Eu comigo..... 41
Descanso..... 42

SUMÁRIO (Continuação)

Antes só..... 43
Sereno encanto..... 44
Serenidade..... 45
Surto..... 46
Ruído do silêncio..... 47
Tiro cego..... 48
Explosão..... 49
Pet show..... 50
Porto firme..... 51
Penitência..... 52
Setembro..... 53
Fera brava..... 54
Água morna..... 55
Retirante de mim..... 56
Vento ateu..... 57
Nômade..... 58
Mensagem..... 59
Terremoto..... 60
Reco-Reco, Bolão e Azeitona..... 61
D'Artagnan..... 62
Recibo..... 63
Dicionário..... 64
Estupidez..... 65
Vampiro refinado..... 66
Turbulência..... 67
Arroto..... 68
Abbey Road..... 69
Corisco mineiro..... 70
Mistério de Caxambu..... 71
Urubu..... 72
Brasília vesga..... 73
Abacateiro..... 74
O curdo surdo..... 75

SUMÁRIO (Continuação)

Melenas tropicais..... 76
Osso buco..... 77
Chope com moela..... 78
Livro (2) ..... 79
Olho do furacão..... 80
O dia do caçador..... 81
Gaveta..... 82
Angústia..... 83
Luz opaca..... 84
Agenda..... 85
Caixa de som..... 86
Canção muda..... 87
Sinal de fumaça..... 88
Calendário (2) ..... 89
Vida regrada..... 90
O homem-máquina..... 91
Falta de couro..... 92
Luxação..... 93
Cansaço merecido..... 94
Ócio destrutivo..... 95
Sou escravo..... 96
Pocket book..... 97
Careta..... 98
Vida inexata..... 99
Alguém escuta..... 100
Ouvidos moucos..... 101
Telefone celular..... 102
Pilha de nervos..... 103
Abajur..... 104
A nudez da musa..... 105
A musa desnuda..... 106
Lata de lixo..... 107
Controle remoto..... 108

SUMÁRIO (Continuação)

Ideia fixa..... 109
Bloco de papel..... 110
Olho mágico..... 111
Triste descoberta..... 112
A inteligência vale menos que um cupom de sorteio.. 113
Memorando..... 114
Carga tributária..... 115
Canalhice jornalística..... 116
Pedido a Deus..... 117
MPB..... 118
Camuflagem..... 119
Marketing..... 120
O sorriso no retrato..... 121
Palavras cruzadas..... 122
O carnê de impostos..... 123
Sonetim..... 124
Angústia..... 125
Chove forte no mês de abril..... 126
Porta-papéis..... 127
Poça d'água..... 128
Sapato..... 129
Tese..... 130

## PREFÁCIO

Este livro foi escrito em 2006, publicado em um site que eu tinha, mas nunca editado em papel. Sempre me interessei por sonetos, inspirado, talvez, por um dos que considero o melhor livro do gênero: “O livro dos sonetos”, de Vinicius de Moraes.

Outro dia, relendo alguns sonetos de Shakespeare, achei, não sei bem por qual motivo, que seria oportuno publicar em papel os meus “120 sonetos”. Dez anos depois de eles serem escritos. Eles refletem alguns aspectos de minha vida, algumas opiniões a respeito das coisas que acontecem por aí, além de algumas “viagens” que costumam afligir as pessoas que pensam muito como eu, nem sempre com rimas ricas, nem sempre com a métrica adequada, mas posso assegurar aos meus leitores que esses sonetos são de uma sinceridade ímpar, como, aliás, todas as coisas que me arvoro a escrever.

Essa forma de poesia, seja no formato dos sonetos italianos ou petrarquianos, como são os meus, em dois quartetos e dois tercetos, seja no formato shakespeariano, em três quartetos e um dístico, ou mesmo no formato monostrófico, com uma única estrofe de 14 versos, é interessante porque, diferentemente de outros tipos de poesia, delimita a criatividade

do poeta, que tem de expor a sua ideia dentro de um espaço curto e definido, um desafio importante para quem, às vezes, quer dizer tanta coisa e de repente se vê tolhido por apenas quatro estrofes. Acredito que escrever sonetos é um excelente exercício de síntese.

Por esses e outros motivos, considero meus sonetos uma grande ousadia de minha parte. Um pequeno e desconhecido poeta como eu arvorando-se a escrever sonetos está, de certo modo, expondo sua cara a tapa.

Mas, como alguém já disse certa vez, os grandes desafios é que movem a vida.

Ainda que alguns desses "120 sonetos" possam parecer desatualizados, haja vista a nova dinâmica que rege nosso dia a dia, extremamente rápida e cheia de mudanças, se prestarmos atenção, veremos que eles continuam bastante atuais.

Eis, pois, um novo livro que agora coloco à disposição de meus leitores. Não se assustem com os "120 sonetos". Reflitam, entretanto, a respeito das diversas mensagens que estão contidas neles.

É o máximo que espero com essa minha pretensa ousadia.

O Autor.
Brasília, 2016.

# ATO DE COVARDIA

Nunca pensei que um dia
Pudesse ser acometido
Da vontade doentia
De deixar de existir.

Nunca pensei que um dia
Pudesse querer morrer
Como quero agora,
Jogar toda a vida fora.

Para disfarçar a dor
E não ter que sofrer tanto,
Fujo a um canto, vou para a varanda

Olho para o jardim:
Na grama cinza e morta do cerrado
Me enxergo a mim.

# O MUDO

Minha voz se cala
Ante kafkiana acusação:
Não sei o que, não sei por que,
Não sei, não sei.

Talvez uma desculpa
Para o fim do amor,
Talvez uma artimanha
Para um adeus.

Transformo-me em ilha,
Trancado em mim,
Brasília.

Escuto um silêncio,
Que é só, enfim,
Família.

# O SURDO

Não ouvirei o que tu dizes,
O que cantas, balbucias,
O que pões para fora,
No durante desses dias.

Não ouvirei uma palavra,
Uma sílaba sequer,
Fonemas que saem espremidos,
Desses lábios de mulher.

Esquecerei músicas, sons, murmúrios,
Os guardarei para mim;
Nesta guerra pode haver augúrios,

Negativas, males, presságios,
Ativarei meus escudos, enfim,
Sobreviverei a este estágio.